

## O COLÉGIO PEDRO II E A METÁFORA DO “NOME DO PAI”

VERA LÚCIA CABANA ANDRADE\*

*“Eu só governo duas coisas no Brasil:  
a minha casa e o Colégio Pedro II.”<sup>1</sup>*

A presente comunicação propõe, com base na metáfora lacaniana do nome do pai<sup>2</sup>, uma releitura da inscrição do significante do pai/*patrono* que nomeia o sujeito histórico/*Colégio Pedro II*, definindo como questão de análise o pressuposto de que foi em torno do nome do Imperador que se construiu a identidade do colégio modelo da Instrução Pública do Império e se reconstruiu esta mesma marca identitária de preservação/sobrevivência da instituição nos períodos de crise e indefinição das políticas educacionais republicanas.

Apesar da ruptura republicana com a tradição do Imperial Colégio – mudanças de nomes, extinção do bacharelado, abolição de títulos e diplomas, política de equiparações dos ginásios estaduais e colégios particulares – a memória de D. Pedro II foi sempre reverenciada.

Portanto, a existência de um passado comum, entre o Colégio e a Monarquia, foi o ponto de partida para a construção da memória institucional dentro da memória nacional. O enquadramento da memória-histórica – configurada por um conjunto de práticas e representações e pela geração de documentos-monumentos – registra o processo histórico de tradição reinventada/revivida que sustentou a instituição na fase de crise de identidade de sua natureza elitista e esgotamento do modelo de educação clássica e humanística, como resultantes da modernização imposta pelo progresso na República.

Este processo de enquadramento da memória que se alimenta do material da história é, segundo Michel Pollack, um *“trabalho que reinterpreta incessantemente o*

---

\* Profª Drª em História Social pelo IFCS/UFRJ. IHGB, UERJ, CP II. Pesquisadora do NUDOM/CP II e da CEPHAS/IHGB.

<sup>1</sup> Frase atribuída a D. Pedro II. Citada por DÓRIA, Escragnole. *Memória Histórica do Colégio Pedro II (1837-1937)*. 2 ed. Brasília: INEP, 1997.p.103.

<sup>2</sup> Releitura do complexo edipiano de Freud, o “Pai da Psicanálise”, feita por Jacques Lacan (1901-1981). In: *“Nomes-do-Pai”*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

*passado em função dos combates do presente e do futuro, no sentido [de reconstrução]da identidade individual e grupal”*<sup>3</sup>.

Na recriação formal da memória coletiva, aqui entendida, segundo Le Goff, como “*o que fica do passado no vivido dos grupos*”<sup>4</sup>, o poder pessoal e aristocrático do patrono foi preservado no patrimônio cultural escolar como um atributo afetivo e garantia hipotética do idealizado ensino humanístico, bem como sua presença moral e protetora de avaliador erudito, evocada nos rituais de lembrança, constitui marca de seu zelo paternal e um dos fundamentos da memória petrossegundense:

*“O Imperador dando aos Ministros plena liberdade de ação no governo, fazia exceção ao Colégio de Pedro II. O Colégio, todos sabiam, vivia sob a direção imediata e pessoal do Imperador. (...) O monarca aparecia quase todas as semanas, inopinadamente, e não se limitava a assistir aos concursos [dos professores], aos exames e às aulas [no Externato], percorria também a chácara, os dormitórios, a biblioteca, a cozinha e mais de uma vez sentava-se à mesa e provava a comida [no Internato.] O poder pessoal do Imperador era verdade incontestável e cuja existência não se podia negar”*<sup>5</sup>.

*“A menina dos olhos do Imperador parece que foi, durante a parte mais longa do seu reinado, o Imperial Colégio, com o seu nome, situado, como era natural, na própria Corte. Ao alcance, portanto, da sua vigilância verdadeiramente paterna quanto à qualidade do ensino aí ministrado. Era um ensino que terminava por coroar o aluno com o título então particularmente valioso: o de Bacharel em Letras. (...) Quem fosse, entretanto, Bacharel do Pedro II entrava triunfalmente em qualquer escola superior. Era como se saísse do Imperial Colégio um pequeno príncipe. Com direito a todos os acessos que dependessem da inteligência aprimorada pelo saber humano.”*<sup>6</sup>

*“Formava o Colégio pequenino Estado, com a sua lei, os seus chefes supremos e os auxiliares destes, mestres ou não, desenvolvendo tudo quanto requer a vida coletiva: a cidadania, a união, a solidariedade, o espírito de disciplina social, o hábito de convivência em comunidade, a consciência dos deveres e dos direitos.”*<sup>7</sup>

Esta vivência que transborda de um tempo histórico para outro, como forma de apropriação do passado sempre presente, define um sentimento de pertencimento e de

---

<sup>3</sup> POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. IN: *Revista de Estudos Sociais*, v 2, n°3. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.p.11.

<sup>4</sup> LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: *Memória-História. Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. p.44

<sup>5</sup> DORIA, Escragnoille. Op cit. p.168.

<sup>6</sup> FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. 3 ed, t. 1, Rio de Janeiro:José Olympio/MEC,1974. p.165-166.

<sup>7</sup> Id. p.161.

identificação grupal da comunidade escolar – “sentimento de continuidade presente, porque só retém do passado aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.<sup>8</sup>

A morte de D. Pedro de Alcântara no exílio (05/12/1891), semi-abandonado e pobre, em hotel de segunda classe (Hotel Beresford) e a repercussão do cerimonial fúnebre ocorrido em Paris, acompanhado por significativa parte da realeza européia, trouxe de volta ao Rio de Janeiro a figura do ex-imperador e sua imagem de “*homem culto, gentil e indulgente, de cidadão patriota e pacificador*”, veiculada pela imprensa estrangeira. A representação do “*velho herói civilizador – novamente o mártir da Nação*” atinge a civilidade da República que responde ao mundo com o silêncio: “*os líderes republicanos, temerosos da grande repercussão que teve a morte do imperador [aos 66 anos] silenciaram sobre seu desejo de ser enterrado no Brasil.*”<sup>9</sup>

As instituições culturais ligadas ao seu patronato entenderam o necessário tempo de espera do governo republicano e prepararam o retorno de D. Pedro através de um movimento de culto à sua memória. Em cada oportunidade comemorativa, o segundo imperador seria imortalizado por seus historiadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pelas cores de seus pintores da Academia de Belas Artes, pela melodia de seus músicos do Conservatório Musical e pela tradição de “seu colégio”, instituições partícipes do projeto civilizatório do Império.<sup>10</sup>

Neste clima de incertezas de consolidação do regime republicano, foi comemorado, em 1902, o 65º aniversário de fundação do primeiro colégio de instrução secundária do Brasil, renominado *Ginásio Nacional*, em 1890.<sup>11</sup> A comissão organizadora do evento, dirigida pelo Bacharel José Bernardino Paranhos da Silva, programou uma série de festividades para o dia 2 de dezembro, aniversário do colégio e do antigo Imperador. As comemorações tiveram início com a missa solene na Igreja de São Joaquim e prosseguiram com a visita ao Cemitério do Catumbi, para homenagear

---

<sup>8</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p.81.

<sup>9</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p.493.

<sup>10</sup> ANDRADE, Vera Lucia Cabana. *Colégio Pedro II – Um lugar de memória*. (Tese de Doutorado/IFCS- UFRJ). Rio de Janeiro, 1999.

<sup>11</sup> BRASIL. Ministério dos Negócios Interiores. Decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890. Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal de 1890

os restos mortais dos outros “pais fundadores”: o Regente Araújo Lima, o Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos e o primeiro reitor D. Antônio de Arrábida.

No mesmo dia, em sessão solene realizada no Salão Nobre do colégio – Salão D. Pedro II: lugar de referência das solenidades sociais e culturais do Império – que contou com a presença de autoridades civis e eclesiásticas e do corpo docente e discente, o decano dos bacharéis Busch Varella, da primeira turma de 1843, lembrou em seu discurso a história do colégio e de seu patrono e reapresentou, “*em nome da Pátria*”, a solicitação de repatriação dos restos mortais de D. Pedro e de D. Teresa Cristina de Portugal para o Brasil:

*“A iniciativa da idéia não é minha, antes de mim manifestou-a na imprensa um ilustre brasileiro [Embaixador Salvador de Mendonça] – foi ele quem em 1893 aconselhou à República que, para dar ao mundo documento de sua estabilidade, mandasse transladar para a terra da Pátria, os restos mortais do Brasileiro e de sua santa esposa, que nos deram a todos o modelo da família e o exemplo dos bons costumes e dos sentimentos pios.”<sup>12</sup>*

Apesar, do Presidente da República Rodrigues Alves estar presente aos festejos e, também como ex-aluno, atender à chamada do tradicional sino do pátio do Externato, formando com seus colegas da turma de 1865, ainda não era hora de trazer os restos mortais dos ex-monarcas para o Brasil. D. Pedro só voltaria para sua terra vinte anos depois.

Contudo, nos primeiros anos da República, a luta pela volta da designação histórica do colégio, empreendida pelos Bacharéis em Ciências e Letras e pela comunidade escolar, representou o desejo de “*exposição de uma ausência e exibição de uma presença*”<sup>13</sup> sempre sentida e materializada nos testemunhos de época:

*“Cinqüenta e dois anos de tradição [1837-1889] sagraram para o colégio o nome de Pedro Segundo. (...) Tradição inteiriça, coesão perfeita. (...) O voto da Congregação, o desejo dos órgãos da opinião nacional, a voz dos oradores nas festas de grau da Casa sempre pediram a mesma coisa: – a volta do nome Pedro Segundo para todo o estabelecimento [Externato e Internato]. Só, pura e simplesmente. (...) Não é demais insistir no amor ao nome do colégio. Nome ilustre constitui na pátria, em qualquer ordem social, na própria família, patrimônio inestimável.”<sup>14</sup>*

---

<sup>12</sup> DORIA, Escragnole. Op cit. p.279.

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Lisboa: Difel, 1990. p.23.

<sup>14</sup> DORIA, Escragnole. Op cit. p.280.

Este movimento conduzido pelo Instituto dos Bacharéis conseguiu, em 1911, a adesão do mais ilustre ex-aluno da época, o Chefe de Governo Marechal Hermes da Fonseca, sobrinho do fundador da República, cujo apoio e aprovação da nova Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental da República, proposta pelo Ministro Rivadávia Correa, foi fundamental para a restauração do nome Pedro II à instituição oficial de ensino e a redefinição de sua nova natureza e finalidade:

*“Art. 1º O Colégio Pedro II tem por fim proporcionar uma cultura geral de caráter essencialmente prático, aplicável a todas as exigências da vida e difundir o ensino das ciências e das letras, libertando-o da preparação subalterna de curso preparatório.”<sup>15</sup>*

As solenidades centenárias, tradição inventada na Europa desde o século XVIII e no Brasil a partir do início do século XX, cristalizaram exemplos de celebração da memória nacional e institucional, em seus conteúdos político, moral e cultural de representação do tempo passado. Neste contexto, reabilitar política e culturalmente a figura do monarca, nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil e, também celebrar seu centenário de nascimento, significou a oportunidade de recuperar sua obra, a época de apogeu de seu reinado e a fase áurea de “seu colégio”.

Como parte das comemorações do primeiro centenário da Independência do Brasil, o Governo da República revogou o decreto de banimento da família real (*Decreto nº 78 de dezembro de 1889*) e autorizou o traslado dos despojos mortuários de D. Pedro de Alcântara e D. Teresa Cristina do Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, para a Catedral de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

A República do Café com Leite, carente de heróis nacionais e de popularidade, recebeu o ex-monarca como um “*herói do passado*”, conforme notícia histórica descritiva do cerimonial e da reação popular:

*“Tiraram-lhe de bordo lentamente. O fizeram descer ao troar dos canhões e entre descargas da fuzilaria até que finalmente aqueles restos voltaram ao chão sagrado da Pátria. Estava morto, mas ainda sua grande figura, trinta e três anos depois da catástrofe, dominava senhorialmente a imaginação da população. Parece que o ambiente eletrizava-se com a aproximação desses despojos envolvidos na saudade mais sobre os quais pairava a indestrutível auréola de um século de glória.”<sup>16</sup>*

---

<sup>15</sup> Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental da República e novo Regulamento para o Colégio Pedro II– Decreto nº 8659 e Decreto nº 8660 de 5 de abril de 1911.

<sup>16</sup> Apud F. Pessoa, Coleção Tobias Monteiro, FBN. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. Op cit. p.505.

O Colégio Pedro II esteve representado nas homenagens públicas, planejadas para a recepção dos despojos do casal real e na parada militar e cívica, ritualizada e institucionalizada para servir aos propósitos republicanos nacionais. O Batalhão Escolar, constituído por alunos maiores de 16 anos, desfilou exibindo bandeiras históricas do Brasil e a bandeira do colégio, tradição inventada<sup>17</sup> sem registro legal de criação, simbolizada pela esfera armilar branca, envolvida por ramos verdes de café e de tabaco, num fundo azul-céu, cor imagem da monarquia, que objetivava associar suas velhas tradições, principalmente sua continuidade nominal, e (re)integrar o Colégio, ao Estado e a Nação.

As comemorações do centenário natalício de D. Pedro II, em 1925, representaram uma aliança política em prol da reabilitação do monarca e não do regime monárquico, ambos mortos e descontextualizados pela imagem agora estabilizada da República. O dia 2 de dezembro foi declarado feriado nacional e comemorado com uma série de festejos populares, missas, desfiles, bandas, e, principalmente, a inauguração da estátua do “*monarca pensador*”, em Petrópolis. Estes festejos contribuíram para a sedimentação do mito do “*monarca magnânimo*” fora da Monarquia, perpetuando a imagem do “*monarca cidadão de barbas brancas*”, como na representação oficial de D. Pedro, de pé bem no meio da Quinta da Boa Vista.<sup>18</sup>

Nos redutos das instituições culturais ligadas ao seu patronato – IHGB e CP II – a memória de D. Pedro foi celebrada em solenidades especiais, com medalhões comemorativos e publicações oficiais, divulgadas amplamente pela imprensa.

No IHGB, em Sessão Solene do dia 02 de dezembro de 1925, foram prestadas as homenagens dos homens das letras a D. Pedro. O Instituto, “*fiel à sua missão e à memória de seu grande protetor*”, além de homenagear a figura do Imperador, “*presta um serviço relevante à História Brasileira*” reescrevendo a história do Segundo Reinado e reunindo os “*tributos de veneração*” registrados pela imprensa da época, e

---

<sup>17</sup>HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.p.15.

<sup>18</sup> Idem. p. 511.

especialmente publicados em *Tomo Especial da Revista do IHGB*<sup>19</sup>, organizado em 3 partes.

A primeira parte – “*D. Pedro: Apreciações gerais*” – consta de 29 artigos do periódico *O Jornal*. Deste conjunto destacamos o artigo de Epiácio Pessoa, intitulado “*A Justiça de Deus na voz da história*”, que faz a reabilitação política da figura do Segundo Imperador ao mesmo tempo em que redime a República:

*“Ufano-me de ter sido o presidente que ao Congresso Nacional pediu a volta dos despojos mortais de d. Pedro e sugeriu a revogação do banimento da família imperial. (...) Era para a República um ato de grandeza moral; para o mundo, a prova de que as novas instituições haviam conquistado definitivamente a Nação; para o Brasil, o modesto pagamento de uma grande dívida.”*<sup>20</sup>

A segunda parte da revista versa sobre – “*O homem público e os problemas*” – e possui 26 artigos do mesmo periódico citado. Deste campo temático destacamos o artigo “*O Imperador e a Instrução Pública*” de autoria de Ramiz Galvão, que apresenta a educação e a cultura como pontos básicos do governo pessoal de D. Pedro II, sendo considerados fatores evolutivos da sociedade:

*“Entre as graves preocupações de d. Pedro, durante quase meio século de reinado, um dos assuntos que sempre mereceram sua particular atenção foi o desenvolvimento da instrução pública, que ele encontrou imperfeita e mal esboçada, quando em 1840 assumiu as rédeas do governo, e que conseguiu melhorar notavelmente com o auxílio de alguns de seus ministros mais devotados a esta nobre causa. (...) Quanto ao Colégio Pedro II, o nosso estabelecimento modelar de ensino secundário, é sabido que de cuidados lhe mereceu, já na escolha criteriosa dos seus reitores, já na seleção do professorado, já e até em minúcias administrativas.”*<sup>21</sup>

A última parte da publicação reúne 45 artigos de diferentes jornais – *Jornal do Comércio, Jornal do Brasil, O Globo, Estado de São Paulo, Correio da Manhã, Do Imparcial* – com temas bem variados. Desta coletânea destacamos o artigo de autoria de Max Fleiuss “*O imperador julgado pelos intelectuais*”, publicado no jornal *Do Imparcial*, onde o autor promove o reconhecimento intelectual do ex-Imperador:

*“Agora que o vulto centenário de d. Pedro passou definitivamente às páginas da História, é justo considerar aqui o conceito que dele formaram já os intelectuais do Velho e Novo Mundo, ou sejam, os mais competentes para julgá-lo como pró-homem de Estado e o mais sábio dos reis da sua era. (...) Nem a grandeza da morte, nem os reveses do ostracismo superaram em d. Pedro II a majestade da estatura moral e a intelectualidade do Rei-Sábio que os mais célebres homens*

---

<sup>19</sup> Revista do IHGB. Tomo 98, v. 125. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928.

<sup>20</sup> Id. p.9-10.

<sup>21</sup> Id. p.363-370.

*de ciência e das letras do mundo inteiro já consagraram. (...) D. Pedro II fez-se um incorrigível estudioso. (...) A leitura era o seu prazer favorito. Lia sempre, e a prova disso é que sua coleção bibliográfica, composta de obras de mais variado gênero, compreendendo astronomia, história, ciências naturais, literatura, (...) encerram anotações de próprio punho (...) reveladoras de genuína e vastíssima erudição.”<sup>22</sup>*

No cômputo geral, o documento-monumento – RIHGB Tomo Especial 98 – apresenta D. Pedro II como um político de visão, capaz de manter a unidade nacional, pedra de toque da opção monárquica e do princípio da alteridade em relação à América Hispânica, e capaz de arbitrar dissidências internas e conflitos externos, um estadista empreendedor e aberto aos princípios do liberalismo econômico, e, principalmente, um monarca culto, sábio, e orientador da política educacional.

Como não poderia deixar de ser, o centenário natalício do Patrono do Colégio Pedro II foi também comemorado em Sessão Solene do mesmo dia 02 de dezembro de 1925, no Salão Nobre do Externato, que recebeu as mais conceituadas personalidades políticas, sociais e intelectuais do Rio de Janeiro, a Colenda Congregação da escola, os bacharéis do passado e os alunos do presente e seus professores, destacando-se o Ministro Affonso Penna Júnior, o Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, neto de D. Pedro II, e sua esposa a Princesa Elisabeth, Condessa da Bohemia, e o Conde de Affonso Celso, Reitor da Universidade do Brasil.

A solenidade marcou a oportunidade para celebrar o passado de glórias do Imperador e do Colégio, homenageando o patrono e sua obra, celebrando a memória institucional dentro da memória nacional.

A Sessão Solene foi iniciada pelo Diretor Euclides de Medeiros Guimarães Roxo que em seu discurso de abertura justificou o culto à memória do protetor da Casa como uma dívida de gratidão ao patrono, sem caráter político:

*“O próprio nome deste Instituto está sobejamente justificando a atitude dos seus diretores, lentes e alunos ao promoverem esta comemoração, a que em boa hora se associaram os bacharéis e os antigos discípulos num formoso e espontâneo gesto que revela nobilitantes sentimentos de solidariedade e gratidão. (...) Quero agora lembrar-vos senhores professores e alunos do Colégio, que há um preito, qual não poderíamos achar melhor, que nos cabe render à memória de D. Pedro II. Empenhemos nossos votos extremos de não pouparmos esforços por aumentar o lustre ao renome da nossa escola, que seu benemérito fundador preordenara a altos destinos com a graça de tão grandes mercês.”<sup>23</sup>*

---

<sup>22</sup> Id. p.958-963

<sup>23</sup> COLÉGIO PEDRO II. *Anuario do Collegio Pedro II. Comemmorativo do 1º Centenário Natalício*

Em nome da Congregação, o orador oficial Escragnolle Dória, professor catedrático de História do Colégio e membro do IHGB, discursou rememorando fatos históricos e chamando atenção para a necessidade de preservação da memória e da tradição nas comemorações:

*“Este dia do presente pertence por inteiro ao passado. (...) Vamos recordar, portanto reviver, em torno da grande memória. Podiam faltar a D. Pedro II todas as homenagens, menos a nossa. Esquecê-lo era deslustrar-nos, bastando nomear-nos para compreender a gravidade do olvido. (...) O sino colegial, que de vários toques, conhecia um especial para anunciar a visita de Sua Majestade. (...) Do título constitucional e merecido [Defensor Perpétuo] desviava sempre uma partícula em favor do Colégio de Pedro II. (...) O Colégio criado quando a nacionalidade começava a crescer, é a casa da tradição e da história. (...) Aqui se reuniram as glórias do professorado em várias épocas. (...) Tudo aqui é de um lado história, saudade, de outro preito, justiça e confiança no Brasil. (...) Sobre ele [o Colégio], em letras bem visíveis, gravadas pelo tempo, em nome da gratidão, sempre se lerá este nome: D. Pedro II.”<sup>24</sup>*

Em nome dos antigos alunos e do Instituto dos Bacharéis o Dr. José Antônio de Abreu Fialho, professor catedrático da Faculdade de Medicina, discursou seguindo a mesma linha de exaltação do colégio e de seu patrono, aproveitando, ao mesmo tempo, para exortar a República como continuação das glórias do passado e ampliação da democracia:

*“A República é a Democracia! Não tem do que desmaiar de vergonha e de tristeza, porque exalta a vitória cívica e moral de Pedro II, deste cidadão nobilíssimo que tanto tinha de democrata e de patriota, parecendo até que nasceu Imperador para melhor servir a democracia e a pátria! É a glória do Império que se continua na glória da República. A República é entendimento, é coração. (...) Amigos! Quanta alma, quanta vida nestes recordos! Que amor não devemos nós ao Colégio de Pedro II. (...) Honrada e louvada seja a memória de D. Pedro II!”<sup>25</sup>*

Do conteúdo saudosista dos três discursos podemos depreender a preocupação de assegurar a lealdade institucional ao regime republicano, ao mesmo tempo em que é enfatizada a lealdade primeira ao patrono justificada pela tradição.

A cerimônia comemorativa foi encerrada com a inauguração de placa com a efígie do ex-monarca com a seguinte inscrição:

---

*de D. Pedro II.* v. VI. Rio de Janeiro: A Encadernadora, 1927.p.39-41.

<sup>24</sup> Id. p.42-55.

<sup>25</sup> Id. p.56-78.

“A D. Pedro II  
Patrono deste Colégio  
Os que aqui estudaram  
1825 – 2 de dezembro – 1925”<sup>26</sup>

O encomendado retrato a óleo do velho soberano de corpo inteiro, trazendo nas mãos o decreto de fundação do colégio, obra do pintor Carlos Osvald, só foi inaugurado em 02 de dezembro de 1928, na solenidade dos 103 anos do monarca e 91 anos do colégio, encontrando-se até hoje no Salão de Leitura do prédio do antigo Imperial Colégio de Pedro II, depois Externato, hoje Unidade Escolar Centro do CP II.

O Colégio fez, também, uma publicação especial do evento – *Anuário Comemorativo do 1º Centenário Natalício de D. Pedro II (1825-1925)* – onde ficaram registrados os discursos proferidos na Sessão Solene, a relação dos docentes e discentes do Externato e do Internato da época, e, numa evocação direta do passado, as reproduções do decreto de fundação de 1837, a lista dos primeiros alunos matriculados em 1838, dos primeiros bacharéis em letras de 1843 e dos últimos bacharéis de 1889, dois retratos de D. Pedro, um do menino com suas irmãs e outro já ancião, e gravuras dos prédios escolares antigos. Este “documento monumento” foi produzido com o objetivo político-cultural de luta pela salvaguarda da história-memória do Colégio.

Nas celebrações do Centenário do Colégio Pedro II, parte do Calendário Cívico do Estado Novo – tempo, espaço e patrono compossuíram-se na memória histórica. Desde sua fundação, em 1837, em homenagem ao Imperador-Menino, no dia de seu 12º aniversário, que a metáfora do “nome do pai” se inscreve como marca simbólica, marca esta que testemunha, ainda hoje, a identidade do colégio.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ANDRADE, Vera Lucia Cabana. *Colégio Pedro II – Um lugar de memória*. (Tese de Doutorado/ IFCS- UFRJ). Rio de Janeiro, 1999.
2. ARQUIVO NACIONAL. *Infância e Adolescência de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas, 1925.
3. BRASIL, Ministério dos Negócios Interiores. Decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890.

---

<sup>26</sup> Id. p.38.

4. CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Lisboa: Difel, 1990.
5. COLÉGIO PEDRO II. *Anuario do Collegio Pedro II. Comemorativo do 1º Centenário Natalício de D. Pedro II*. v. VI. Rio de Janeiro: A Encadernadora, 1927.
6. DÓRIA, Escragnole. *Memória Histórica do Colégio Pedro II (1837-1937)*. 2 ed. Brasília: INEP, 1997.
7. FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. 3 ed, t. 1, Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1974.
8. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
9. HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
10. LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
11. LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: *Memória-História. Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
12. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
13. Revista do IHGB. Tomo 98, v. 125. Rio de Janeiro: Imprensa